

X. Reconsiderações sobre economia antiga: organização, padronização e preço na *terra sigillata* sudgálica

## I. Organização

---

A partir dos anos 40 do século I d.C, detectou-se um conjunto de fenómenos, ao nível das marcas, que reflete um salto qualitativo na produção de *terra sigillata*, na área de La Graufesenque: uma intensificação de produção acompanhada de um outro substancial aumento do número de produtores que assina uma mesma produção; as formas que se desenvolvem a partir desta época nunca possuem marca de oleiro, ao contrário das antigas que continuam a ter (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197). A diminuição desse hábito epigráfico na peças sudgálicas é contrastante com os espólios itálicos, onde as frequências são maiores (Pucci, 1993, p. 74).

A questão do tempo e do modo da produção e da comercialização da *terra sigillata* de La Graufesenque é, no entanto, de complexa análise devido à disparidade de argumentos entre os vários autores.

Os principais dados utilizados no debate consistem nos grafitos de pré-cozedura com indicações de oleiros, donos de fornos, formas e quantidades, geralmente sob a forma de lista, “bordereaux d’enfournement”, segundo R. Marichal (1986).

Este último autor contabiliza em 168 o número de grafitos conhecidos, datando 85% entre Cláudio e Vespasiano, 15% entre Cláudio e Trajano, sendo 50% da época de Nero.

Já Polak data o primeiro dos seus três grupos de listas, o grupo A, do terceiro quartel do século I (Polak, 1998), o que torna o início do fenómeno um pouco mais recente, muito provavelmente da época de Nero, teoria mais aceite pelos vários autores, embora ainda plausível nos últimos anos de Cláudio.

Estamos, portanto, a falar de um conjunto de fenómenos que se passam entre os anos 40/50 (onde se enquadra a discrepância cronológica entre as marcas referidas acima e as listas de grafitos) e os finais do século I ou inícios da centúria seguinte.

O modo de produção e comercialização, ou seja a organização do trabalho, levanta ainda mais divergências de interpretações.

Para Marichal (1986), as listas representam clientelas. Na verdade, muitos oleiros não possuíam forno próprio, necessitando de recorrer a outros que pudessem prestar serviços nessa área. Estas clientelas não seriam estáveis, pois poderiam mudar consoante as fornadas, tal como defende Polak (1998). Marichal aceita o conceito antropológico proposto por Jacob e Lerede, em 1986, de “artisanat groupé”, ou seja, de um ou vários conjuntos de produtores, cujas relações profissionais não seriam estáveis, mas casuísticas.

Marichal vai, no entanto, mais longe ao aceitar a hipótese de organizações de trabalho mais sólidas, estruturadas por um quadro jurídico mais amplo e conhecido no mundo romano: os *collegia*. Alguns grafitos são para o autor indicadores de uma realidade identificável ou semelhante. A palavra gaulesa *casidanos* — constante em vários grafitos — seria passível de traduzir por *flamen*, em latim; a palavra latina surge mesmo num dos grafitos apresentados por Marichal (1986, p. 19, n.º 7); mas outros sentidos como *curator*, *magister* ou *iudex* são admitidos pelo autor francês.

A autorização imperial que estende a figura jurídica do *collegium* para além dos de tipo funerário, *tenviorum*, datará algures do principado de Cláudio (Marichal, 1986).

Há, assim, uma discrepância cronológica entre esta possível lei de Cláudio, extensível ou não à *terra sigillata* de La Graufesenque, e os primeiros grafitos, que muito provavelmente só surgem na época de Nero.

A partir dessa ordem de razões, Jacob e Lerede (1986) desvalorizam a hipótese dos *collegia*. Sustentam-se noutros argumentos. A saber: na verdade, não se conhece nenhuma disposição legal que obrigue os produtores ou vendedores a estamparem as peças; além disso, as maneiras de o fazer apresentam divergências; por conseguinte, estamos perante possíveis regras do direito consuetudinário.

Consideram errado o conceito de capitalismo para estruturas tão débeis ou incipientes e defendem mesmo uma total independência entre oleiros e vendedores nos planos da organização, da produção e da posse de meios de produção. No entanto, admitem que o vendedor pudesse actuar como um mercador, capaz de negociar com vários produtores e ser ele a peça-chave de uma estrutura pré-capitalista.

Um outro indicador de uma rede de trabalho mais complexa é a existência de fornos com capacidade para 30 ou 40000 peças, utilizados por vários oleiros em La Graufesenque (Vernhet, 1981), e cujo tamanho das fornadas seria consentâneo com uma comercialização conjunta, até porque muitas peças não eram marcadas, o que dificultava a separação após a cozedura (Nieto Prieto et al., 1989, p. 202).

As listas de fornadas apresentam oleiros com diferentes capacidades de produção, alguns deles evidenciando forte capacidade competitiva, chegando a produzir, numa mesma fornada, a maioria dos vasos: o grafito n.º 3 de Hermet (1934) refere-se a uma fornada de 28420 vasos, dos quais 15000 são de *Masuetos* (*apud* Nieto Prieto et al., 1989, p. 202).

A escavação do naufrágio vespasiano de Cala Culip IV forneceu alguns dados relevantes quanto à comercialização e difusão da *terra sigillata* de La Graufesenque. A sua principal carga seria exactamente esta cerâmica sudgálica, mas continha uma carga mista secundária que incluía ainda paredes finas e ânforas oleárias da Bética e lucernas de Roma (Nieto Prieto, 1986, p. 86; Nieto Prieto et al., 1989).

No espólio verifica-se que 92,1% dos exemplares Drag. 29 estão assinadas por 4 oleiros; 80% da Drag. 15/17 são de uma marca; 97,7% da Drag. 18A são também de uma marca; 60,3% da Drag. 27A são de 2 marcas; 94,15% da Drag. 27B são igualmente de 2 marcas; e 82,6% da Drag. 24/25B são de apenas uma marca (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Diagnosticaram-se 58 marcas diferentes e algumas relações oleiro(marca)/forma, que pressupõem especialização. Por exemplo, excepto a marca OF MOM, que surge em Drag. 18A (lisa) e 29 (decorada), as restantes surgem em formas lisas, ou em formas decoradas, o que parece ser uma organização exclusivista. A origem das cerâmicas lisas também obedece a uma lógica própria: as marcas que surgem em formas lisas, relacionam-se com um tipo de vaso, ou no máximo dois, como é o caso das marcas dos oleiros *Iucundus* e *Tabivirtutis*. As duas formas possíveis são taças ou páteras e quando se produzem taças, distinguem-se produtores de grandes e de pequenas (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

A defesa de uma especialização por parte de Nieto Prieto é baseada igualmente em listas de fornadas: segundo o grafito n.º 6 de Hermet (1934), *Masuetos* produziu *acitabili* e *paraxidi*; *Privatus* fabricou *licvias*; *Felix*, *Teccius* e *Tritus* fizeram *catili*; e *Deprosagilos*, *paraxili* (Nieto Prieto, et al., 1989, p. 202).

Outro elemento que concorre na teoria da especialização de trabalho é a troca de punções e moldes entre os produtores, fenómeno que seria maioritário, segundo Hofmann (1971, p. 6), em oposição a Knorr (1919, p. 119), para o qual as decorações eram realizadas pelos fabricantes dos vasos. Esta teoria de Knorr marcou grandemente os estudos sobre *terra sigillata*, pensando muitas vezes poder identificar-se estilos a partir das marcas de oleiros. Segundo Hofmann (1971, p. 6), o oleiro *Libertus* seria um dos que fabricaria peças, moldes de decorações e moldes de punções, afirmando-se como um produtor independente.

A intensificação da produção reflecte-se também numa outra nomenclatura, expressa nas marcas de oleiro: em La Graufesenque, a partir dos anos 40 d.C., aumenta significativamente a utilização do termo *officina* e os oleiros associados a este termo são geralmente dos mais produtivos (Polak, 2000, p. 145). Por outro lado, as marcas com as expressões *fecit*, *manus* ou simplesmente em nominativo estarão sobretudo relacionadas com oleiros de menor capacidade (Polak, 2000, p. 145). Os oleiros de Montans raramente utilizam o termo *officina* (Mees, 1994, p. 19).

A dispersão regional mais acentuada de certos oleiros reflecte possíveis tentativas de controlo de áreas comerciais, bem como um controlo da comercialização das peças, após as fornadas. Na costa valenciana, 9 oleiros detêm 30% do total sudgálico: *Bassus*, *Cantus*, *Crestus*, *Iucundus*, *Lucceius*, *Primus*, *Sabinus*, *Secundus* e *Vitalis*; 22 oleiros produziram 50% do total e os restantes 20% foram realizados por 150 oleiros (Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994, p. 97).

O estatuto dos comerciantes da *terra sigillata* sudgálica não possui uma resposta suficientemente fundamentada, pelo que não é possível conhecer as relações entre *officinatores*, *mercatores*, *diffusores* e *negotiatores*. A existência de termos como *negotiatores cretarii* ou *negotiatores artis cretariae*, em inscrições datadas do século I d.C. — CIL III.5833, XII.1906, 2033, 4336, 6366, 6524, 7588, 8350, 8793 (*apud* Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 207) — sugerem a Pucci (1993, p. 76) duas hipóteses: a supremacia dos *negotiatores* que deteriam os meios de produção; ou a acumulação de certos oleiros, *officinatores*, com as funções de *negotiatores*, adoptando este último termo, embora não o aplicando nas peças. Estas hipóteses são plausíveis, tendo em conta que o termo *negotiator* parece ser mais abrangente, englobando actividades que poderão ir da produção à comercialização, ao passo que os termos *mercator*, *diffusor* e *navicularius* estariam mais associados a actividades puramente comerciais, podendo até assumir uma faceta especializada (García Brosa, 1999, p. 181-2).

## 2. Padronização

---

As 168 listas conhecidas referem 30 formas, ao longo de cerca de 1 milhão de vasos, dos quais 96% pertencem a 6 formas: *acitabili*, *catili*, *paraxidi*, *licuras*, *pannas* e *mortari* (Polak, 2000, p. 131).

- *Catili* deve ser o nome para os pratos lisos e roletados (Polak, 2000, p. 131) provavelmente Drag. 15/17 e 18 (Tyers, 1993, p. 136);
- *Catini* e *Canastri*, somente para pratos roletados;
- *Pannas* nomeará as taças Drag. 29 e 37;
- *Mortari*, a taça ou almofariz Ritt. 12;
- *Acitabili*, tigelas, provavelmente pequenas;
- *Paraxidi*, tigelas, provavelmente as médias e grandes;
- *Licuias*, termo só conhecido em La Graufesenque, talvez se identifique com as tigelas grandes (Polak, 2000, p. 131).

Embora na maior parte das listas apenas se indiquem quantidades, são conhecidos alguns tamanhos de algumas das formas:

- *Catili* são *pedales* em 480 casos, *besales* em 650, *trientales* em 760 casos (Tyers, 1993, p. 136);
- *Acitabili* não são objecto de informações métricas conhecidas (Polak, 2000, p. 132);
- *Paraxidi* são *besales* em 2 listas, embora a exiguidade dos fragmentos torne a leitura duvidosa (Marichal, 1988, p. 256; Polak, 2000, p. 132);
- *Pannas* têm tamanhos registados na maioria das listas em que surgem: 60% são *besales*; os restantes tamanhos somam menos de 10% do total (Polak, 2000, p. 133);
- *Licuias* são objecto de raras informações (Polak, 2000, p. 133);
- *Mortari* têm geralmente os tamanhos indicados: predominantemente *besales* ou *trientales*; raramente *pedales* (Polak, 2000, p. 133).

Os quatro tamanhos conhecidos (*Pedalis* = 1 *pes* = 297 mm, *Besalis* = 2/3 *pes*, *Semipedalis* = 1/2 *pes*, e *Trientalis* = 1/3 *pes*), são geralmente interpretados como referentes aos tamanhos das peças antes da cozedura, pelo que o seu tamanho final podia ser reduzido por esta (Polak, 2000, p. 134; Tyer, 1993, p. 136).

Contudo, este fenómeno poderia ser evitado, caso os oleiros fizessem as peças com um tamanho propositadamente maior.

Segundo Tyers (1993, p. 136), a contracção das argilas durante a cozedura varia entre valores de 5-15%; Hofmann considera o factor de contracção equivalente a 10,79% (*apud* Polak, 2000, p. 133); e Picon admite que este factor possa atingir 20% (*apud* Polak, 2000, p. 133).

Podemos assim, elaborar uma tabela de tamanhos-ideais (diâmetros de bordo) para a *terra sigillata*, aplicando o valor de 10% para uma contracção não compensada pelo oleiro (ver Anexo 4, Fig. 21). Contudo, é extremamente difícil relacionar estes quatro (ou oito) tamanhos com os espólios existentes. Na maior parte das colecções, sobretudo sem dados estratigráficos, não é fácil definir grupos de tamanhos, tendo em conta que existe uma evolução dos mesmos ao longo da diacronia da *terra sigillata* sudgálica, como debatemos ao longo da análise do espólio de Chãos Salgados. Mesmo em trabalhos — como o de Vechten — nos quais os estudos estatísticos permitiram equacionar grupos de tamanhos e respectivas evoluções cronológicas, concluiu-se que existem formas com mais tamanhos do que os expressos nas listas (Polak, 2000, p. 133).

Optámos assim, por comparar com dois contextos fechados, de cronologia restrita — La Nautique (Nero) e Cala Culip IV (Vespasiano) —, que nos permitissem observar a aplicação dos tamanhos expressos pelas listas nas remessas existentes no mercado.

No primeiro caso (Fiches; Guy e Poncin, 1978, p. 209-11), o estudo métrico das Drag.24/25 e 27 revelou dois diâmetros principais (35 e 55 mm) e um secundário, intermédio (47 mm), todos eles abaixo do valor mais pequeno das listas — *Trientalis*. Os autores deste estudo apontam uma explicação para os tamanhos relacionada com a aplicação da unidade *Digitus* (=1/16 do *pes* = 19mm). A relação directa entre os valores de bordo, diâmetros de base e altura, permitiu-lhes elaborar uma outra tabela (ver Anexo 4, Fig. 22).

As séries métricas de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 125) apresentam valores flutuantes e nunca exactos, mas com algumas semelhanças aos tamanhos-ideais (valores de pré-cozedura), sendo o grupo de possíveis *semipedales* o mais consistente — Drag. 15/17, 18 e 36 — (ver Anexo 4, Fig.23).

### 3. Preço

---

Conhecem-se dois grafitos interpretados como preços de *terra sigillata*: um prato do tipo Lud. Tb ou Ta', produzido em Rheinzabern, na segunda metade do século II, e encontrado em Salzburg, possuía o grafito "AS XII" no fundo interno (Kovacovics, 1987); uma taça decorada, tipo Drag. 37, de *Cinnamus*, produzida em Lezoux, igualmente na segunda metade do século II, encontrada em *Flavia Solvia* (Áustria), possuía o grafito "PANNA VERECUNDAES EMPTA VIGES" — taça de Verecundo, vendida por 20 (asses) — (Noll, 1972). Temos assim, um prato com o preço de 12 asses, e uma taça decorada com o preço de 20 prováveis asses (Noll, 1972, p. 149; Darling, 1998, p. 169).

Não se conhecem séries de preços de época romana que permitam comparações eficazes para os poucos dados sobre preços disponíveis (Carreras Monfort, 2000, p. 194).

Segundo Darling (1998, p. 169), um ordenado diário de um soldado, em Domiciano, seria de 13 asses; enquanto que na época de Sétimo Severo seria de 20 asses.

Quanto a custos de outros produtos, sabe-se, através do *Epigrama Martialis* (12,76), datado de c.101 d.C., que uma ânfora de vinho custaria 20 asses e um *modius* de cereal, 4 asses, pelo que um litro de vinho poderia custar cerca de 1 asse (1 ânfora = 26 litros), e um litro de cereal, 1/2 asse (1 *modius* = 8,75 litros) (Noll, 1972, p. 151).

Uma refeição, numa *taberna*, poderia custar cerca de 2 asses (Carreras Monfort, 2000, p. 170).

Os gastos diários de uma família pompeiana, composta por 3 pessoas, uma delas escrava, somariam 25 asses, traduzidos na aquisição de bens alimentares como pão, vinho, azeite, queijo, cebolas, sémola, carnes, etc. (Carreras Monfort, 2000, p. 175; CIL IV.4428).

Apesar dos desfazamentos cronológicos e espaciais dos dados, os preços de *sigillata* — se bem que não sudgálica — parecem acessíveis nas possibilidades de uma classe média, livre, à qual pertenceriam os soldados ou a família pompeiana citada, de acordo com a visão geralmente seguida para a *terra sigillata* (Mayet, 1984, p. 242).